

**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM**

**ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE O  
PRECONCEITO CONTRA MINORIAS SEXUAIS E DE GÊNERO**

**Estudante:** Vivian Santos Campos

**Orientador:** Prof. Dr. Flávio Adriano Borges Melo

**OUTUBRO/2024**

## RESUMO

Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e demais minorias sexuais e de gênero (LGBT+) sofrem preconceito cotidianamente pelo fato de não se enquadrarem em um “padrão” hétero-cis-normativo. Ademais, no contexto universitário, vêm experienciando discriminações presentes em atitudes sutis e cotidianas, que tentam reforçar e perpetuar o preconceito cotidiano estabelecido socialmente. **Objetivo:** analisar a percepção de estudantes universitários sobre o preconceito contra minorias sexuais e de gênero. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que foi desenvolvida com estudantes de uma Universidade pública do interior do estado de São Paulo por meio de entrevistas semi-estruturadas gravadas e transcritas na íntegra e analisadas com o auxílio do software IRAMUTEQ, por meio de análise de conteúdo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos com parecer nº 5.954.087, tendo como CAAE nº 64624622.9.0000.5504.

**Resultados:** Foram feitas 11 entrevistas que foram agrupadas em 4 classes: 1) Redes de apoio contra o preconceito, 2) O preconceito contra pessoas LGBT+ no contexto universitário, 3) Os espaços universitários: segurança e/ou preconceito? e 4) Vida cotidiana e o enfrentamento do preconceito. **Discussão:** Identificou-se que grande parte do preconceito está localizado na direção docente-estudante. Contudo, por existir uma relação hierárquica desigual e pela instabilidade da posição do(a) estudante, estes(as) se sentem desmotivados em denunciar essas ocorrências, com receio de retaliações. Somado a isso, aqueles(as) estudantes que fogem do “padrão” cisheteronormativo também sofrem outra forma de preconceito - mais silenciosa - sobretudo por meio de olhares. Verificou-se também maior presença de relatos de preconceito a estudantes de cursos das Ciências Exatas, indo ao encontro do que se tem produzido cientificamente sobre o assunto (ALONSO-MARTÍNEZ, 2021; SANTOS, CERQUEIRA-SANTOS, 2022). **Considerações Finais:** Os resultados dessa pesquisa possibilitaram a identificação e análise da percepção de estudantes universitários sobre o preconceito contra pessoas LGBT+, gerando pistas em prol da mitigação do preconceito contra pessoas LGBT+ no contexto universitário, oportunizando o balizamento de políticas universitárias para atenuar essa realidade de violência e geradora de adoecimento.

## INTRODUÇÃO

Historicamente, o Brasil segue um padrão de comportamento onde as pessoas sabem reconhecer ou sabidamente têm uma atitude preconceituosa e apesar disso, não se reconhecem como tal. Essa situação se dá porque se entende a discriminação como um problema que não cabe a nós resolver, apenas o outro pode fazer algo para mudar sua ação; ou ainda, por não ser o alvo de violência, novamente, o problema pertence a quem sofre e por causa desse distanciamento, a perpetuação de violência discriminatória se faz presente (LIMA; VALA, 2004).

A esse quadro de opressão, soma-se um aspecto denominado “violência simbólica”: refere-se a um conceito social descrito por Pierre Bourdieu, o qual descreve os métodos de grupos hegemônicos que impõem suas visões de mundo, do que é certo ou errado, por meio da coação. Usando esses meios, o grupo pode criar no imaginário coletivo de que certas características são mais naturais do que outras; a existência de regras que devem ser cumpridas, e a punição de quem não as segue e mesmo o uso de certo léxico. A face mais cruel da violência simbólica é que os alvos sequer se dão conta dela, uma vez que estão imersos nesse mar de regras que a sociedade impõe e quando percebem, veem que são discursos tão arraigados, os quais o próprio processo de desconstrução é doloroso (VIEIRA, 2015).

Como se pode ver, a construção e consolidação de um grupo hegemônico se faz necessária para o estabelecimento desse suposto “padrão esperado”. Portanto, a heterossexualidade; a identidade de gênero em concordância com designação do sexo biológico; seguir a religião cristã e ser da etnia branca funcionam como uma espécie de pré-requisitos a serem cumpridos para que uma pessoa seja acolhida na sociedade. De maneira oposta, quem se afasta desses arquétipos sofre toda sorte de violência (COSTA *et al.*, 2015; MORETTI-PIRES; VIEIRA; FINKLER, 2023). No entanto, com o ingresso à universidade, lugar que desde sua concepção pressupõe um ambiente diversificado, nele abarcando os espectros da sexualidade humana, espera-se que tais preconceitos se dissolvam em face de um corpo social universitário pluralizado.

Lamentavelmente, vê-se uma replicação do padrão encontrado no mundo fora da universidade, tanto por alunos como pelo corpo docente, o que gera nos estudantes acadêmicos pertencentes à comunidade LBGT a sensação de não-pertencimento e mesmo de expectativas frustradas, em virtude desta esperança de que a universidade seja um lugar seguro para que a pessoas sejam acolhidas em sua totalidade (MORETTI-PIRES; VIEIRA; FINKLER, 2023). Dado esse cenário, inevitavelmente deve-se comentar sobre os efeitos negativos os quais os estudantes universitários não-pertencentes ao padrão cis-heteronormativo são submetidos, com

ênfase em problemas de saúde mental, como visto em estudos conduzidos fora do Brasil, sendo que estes mostram uma relação positiva entre as já referidas doenças e pertencer a comunidade LGBT, com destaque para a população trans, a qual possui altas taxas de tentativas de suicídio (CERQUEIRA-SANTOS; AZEVEDO; RAMOS, 2020; NARANG *et al.*, 2018). Novamente, por estarem em um contexto sociocultural que tende a invisibilizar as pessoas que não fazem parte do padrão considerado ideal, pouco ou quase nada é feito para que essas situações de constrangimento e mesmo violência, em suas diversas faces, sejam punidas com o rigor necessário para que não continuem a ocorrer.

Dessa forma, o presente estudo se faz relevante para contribuir com as percepções de estudantes universitários(as) sobre o preconceito contra minorias sexuais e de gênero, oportunizando a investigação dessa situação, nesse contexto e em face dos diferentes discursos discriminatórios e dos seus efeitos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A presente pesquisa utiliza de alguns princípios da Análise Institucional para o seu desenvolvimento. Sabe-se que a Análise Institucional surgiu em meio ao movimento institucionalista, que teve sua origem em meados dos anos de 1960 na França e, no Brasil, foi introduzido a partir de 1970, em um contexto histórico e político de ditadura militar (L'ABBATE, 2012; 2013).

Compreende-se a existência de quatro correntes da Análise Institucional no campo das ciências sociais e humanas: a análise institucional socioanalítica, a sociopsicanálise institucional, a esquizoanálise e a análise institucional de inspiração sociológica. Essas quatro correntes compõem uma complexa trama que se articula por meio de diversos saberes e práticas e que podem ser visualizadas em um esquema que relaciona suas várias abordagens teóricas, seus respectivos autores, discursos, práticas e produtos (BARBIER, 1985).

Este estudo utilizou das contribuições da corrente Socioanalítica, que foi proposta por Lapassade e Lourau (1972) e, sobretudo, por Lourau (2014), que, apoiado na dialética de Hegel e Castoriadis, desenvolveu o conceito de instituição considerando três momentos – instituído, instituinte e institucionalização – demonstrando que a instituição não se confunde com as noções de equipamento e organização, pois deve-se dar o nome de instituição a uma dimensão imaterial relativa a normas e regras construídas e estabelecidas socialmente como, por exemplo, a família, a educação, a saúde, entre outros (LOURAU, 2014).

O instituído corresponde àquilo que é identificado na instituição. O instituinte consiste naquilo que desloca, movimenta e provoca o instituído. Essa dialética do instituído e instituinte corresponde, por sua vez, ao processo de institucionalização (LOURAU, 2014).

Dessa forma, acredita-se que com o presente estudo foi capaz de contribuir com a ciência a partir das percepções de estudantes universitários(as) sobre o preconceito contra minorias sexuais e de gênero, oportunizando a investigação dessa situação, nesse contexto e em face dos diferentes discursos discriminatórios e dos seus efeitos. Somado a isso, contribuiu, em diálogo com os estudos de Costa et al. (2015) e Santos e Cerqueira-Santos (2022), somando-se à escassa produção científica no tocante à diversidade sexual e de gênero no contexto universitário.

## **OBJETIVO GERAL**

Analisar a percepção de estudantes universitários sobre o preconceito contra minorias sexuais e de gênero.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- . Caracterizar os(as) estudantes universitários participantes da pesquisa;
- . Identificar situações de preconceito contra minorias sexuais e de gênero no contexto universitário.

## **METODOLOGIA**

### **1. Tipo de Estudo**

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório de abordagem qualitativa, pois procurou sentidos que articulassem teoria, prática e mais pesquisa, além de proporcionar uma observação de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, conferindo possibilidade para a compreensão de um espaço mais profundo de relações, processos e fenômenos (MINAYO, 2014).

### **2. Local do Estudo**

Este estudo foi desenvolvido na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A UFSCar consiste em uma Universidade *multicampi*, que possui 65 cursos de graduação presenciais e 59 programas de Pós-Graduação, com 14.100 estudantes matriculados(as) em cursos de graduação presenciais e 4.896 estudantes matriculados(as) em cursos de Pós-

Graduação *stricto sensu*. Somado a isso, possui cerca de 1.200 docentes e 968 técnicos-administrativos (UFSCAR, 2023).

O campus que foi o cenário deste estudo está situado à beira da Rodovia Washington Luís, no município de São Carlos/SP e organizado em 3 Centros nos quais estão alocados mais de 30 Departamentos Acadêmicos (UFSCAR, 2023).

### **3. Sujeitos do Estudo**

Foram incluídos neste estudo estudantes dos cursos presenciais de graduação da UFSCar, que possuíam idade igual ou maior do que 18 anos.

Estes(as) foram recrutados pela técnica não probabilística snowball (bola de neve) (GOODMAN, 1961). Essa técnica utiliza cadeias de referência e a execução da mesma ocorreu da seguinte maneira: iniciou-se realizando a pesquisa com um(a) estudante escolhido(a) aleatoriamente. Após a realização da entrevista com ele(a), este(a) indicou pelo menos três estudantes a serem contactados(as), levando em consideração o critério de inclusão supra exposto (VINUTO, 2014).

O processo de recrutamento dos(as) estudantes ocorreu até que se alcançasse a saturação dos dados, ou seja, até que haja a ausência de novas informações pelos(as) entrevistados(as) ao quadro de análise do objeto de estudo. Essa técnica deve ser utilizada em estudos dessa natureza pelo fato do objetivo da pesquisa não estar atrelado à necessidade probabilística, mostrando-se como um processo de permanente coleta de informações, que aproveita da rede de contatos dos(as) entrevistados(as) para fornecer à pesquisadora um conjunto maior de potenciais contatos, finalizando a amostra pelo critério de saturação (FONTANELLA et al., 2011).

Foram excluídos(as) aqueles(as) que não responderam ao convite de participação da pesquisa após a terceira tentativa. Vale frisar que, antes do início da entrevista a entrevistadora apresentou os objetivos do estudo, explanou que a identidade e as informações fornecidas na entrevista seriam mantidas em sigilo (respeitando-se a portaria 510/16), esclareceu possíveis dúvidas dos(as) entrevistados(as) a respeito da pesquisa e, posteriormente, solicitou a sua participação. Os(As) que não concordaram em participar, foi solicitado, da mesma forma, a indicação de três novos(as) estudantes dos cursos presenciais de graduação da UFSCar, prosseguindo com o procedimento de recrutamento dos(as) mesmos(as).

### **4. Coleta de Dados**

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os(as) sujeitos(as) do estudo.

As entrevistas contaram com questões que visaram caracterizar os(as) estudantes participantes da pesquisa, tais como: idade, cor, renda mensal, cidade e estado de origem, identidade de gênero (homem cis, homem trans, mulher cis, mulher trans, não binário), orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, assexual), religião, curso de graduação, há quanto tempo é estudante na UFSCar. Somado a isso, as seguintes questões norteadoras:

- 1) Fale de que forma a diversidade sexual e de gênero está presente no seu dia-a-dia, na Universidade.
  - 2) Você possui algum ente (familiar, amizade, etc.) LGBTQ+? Se sim, como é a sua relação com ele(a)?
  - 3) Relate se você já presenciou ou sofreu situações de preconceito contra pessoas LGBTQ+ no contexto universitário. Elas são mais frequentes na(s) direção(ões): aluno-aluno, aluno-professor, professor-aluno, técnico-aluno, etc.
  - 4) Se você for uma pessoa LGBTQ+, você já se viu em determinadas situações tendo que modificar seu comportamento para evitar sofrer preconceito?
  - 5) Em quais lugares, dentro do ambiente Universitário, você acha que é mais provável de pessoas LGBTQ+ sofrerem preconceito? Por que?
- Vale ressaltar que essas questões servirão apenas para conduzir as entrevistas, podendo disparar outras indagações com o intuito de aprofundar na produção dos dados da pesquisa.

Vale apontar que as perguntas foram previamente apresentadas ao Grupo de Pesquisa (que possui, em sua composição, pessoas cis, trans e grande diversidade étnico-racial) em prol do seu aperfeiçoamento para que pudessem ser empregadas na presente pesquisa.

## **5. Procedimentos éticos**

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos com parecer nº 5.954.087 e CAAE 64624622.9.0000.5504. Vale apontar que antes do preenchimento do questionário, o(a) sujeito teve acesso ao termo de consentimento livre e esclarecido, manifestando sua concordância em fazer parte da pesquisa. Com o intuito de garantir o anonimato dos participantes na pesquisa, as falas proferidas pelos participantes foram identificadas por meio da expressão Entr seguida por um número correspondente.

## 6. Análise dos Dados

As informações obtidas foram analisadas por meio de estatística descritiva e análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

A análise de conteúdo possibilita a construção de categorias por meio de agrupamentos semânticos das palavras nas frases. Tal fato, exige sensibilidade e flexibilidade por parte do codificador, com o intuito de apreender os núcleos temáticos capazes de compor o sentido da comunicação desejada (BARDIN, 2011). Ela é composta pelas seguintes etapas: 1) pré-análise, que contará com a composição do corpus textual, leitura flutuante e definição de hipóteses provisórias sobre o conteúdo lido; 2) exploração do material, onde os dados serão codificados a partir das unidades de registro e 3) tratamento dos resultados e interpretação, que consiste na classificação dos elementos a partir das suas semelhanças e por diferenciação, com posterior agrupamento, diante das características comuns apresentadas pelos mesmos (BARDIN, 2011; CAREGNATO, MUTTI, 2006; SILVA, FOSSÁ, 2015).

Vale ressaltar que para a etapa 2 e parte da etapa 3 será utilizado o auxílio do *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ®). Trata-se de um *software* que realiza uma análise a partir do agrupamento de vocábulos com similaridade semântica presentes no corpus textual. Esse corpus é dividido em segmentos de textos (ST), que consistem em pequenos fragmentos textuais que preservam uma relação semântica entre si (TOMIC, BERNARDI, 2018).

Assim, as respostas às questões abertas foram organizadas de forma a compor o corpus textual. Este foi preparado e revisado com o intuito de eliminar equívocos de digitação e padronização de siglas e expressões (preservando os mesmos significados). Foram incluídos adjetivos, advérbios, substantivos, verbos e formas não reconhecidas como categorias de palavras para o processo de análise pelo *software* e a análise será realizada por Estatística Textual Clássica e Classificação Hierárquica Descendente (CHD). As ocorrências de cada uma das classes na CHD foram consideradas a partir de valores estatisticamente significantes ( $p < 0,05$ ).

Tais temas foram interpretados e analisados por meio de associação com os conceitos que compõem o referencial teórico da Análise Institucional.

## RESULTADOS

O recrutamento dos participantes ocorreu de forma não intencional, a partir da divulgação da pesquisa junto aos departamentos e de um link de acesso a um formulário pelas mídias digitais (*Whatsapp, Instagram*). O questionário foi respondido por 21 pessoas e a partir destas, foram enviados, via *e-mail*, questionários de intenção para seguir com a entrevista para 20 pessoas, sendo que estas foram recomendadas por meio da técnica *snowball*. A partir deste formulário, as entrevistas foram marcadas com os interessados, seguindo a disponibilidade de horário e também a modalidade (virtual, presencial ou indiferente) escolhida. O processo de coleta de dados foi dificultado por conta da paralisação das atividades dos institutos e universidades federais. Porém, com o uso da entrevista virtual, a obtenção foi facilitada.

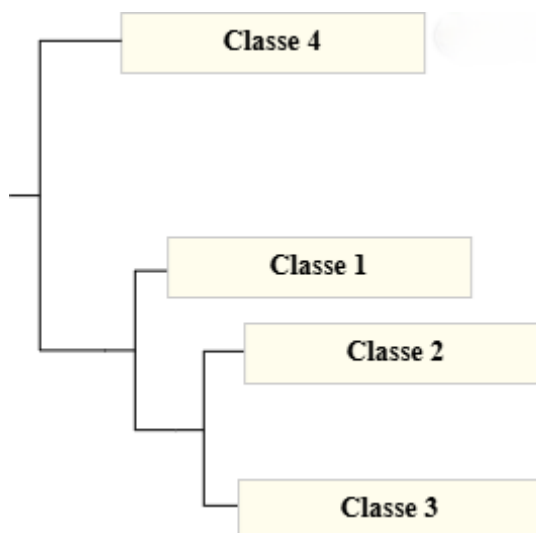
Dez pessoas foram excluídas por não terem retornado às tentativas de agendamento. Foram feitas 11 entrevistas com os alunos do *campus* São Carlos dos cursos de Enfermagem, Gestão e Análise Ambiental, Educação Física, Matemática, Ciências da Computação, Linguística; com faixa etária compreendida entre 19 e 26 anos; branco(a); maioria está entre o quinto e sétimo semestre da graduação; a maioria dos entrevistados se identifica como mulher cisgênero; a orientação sexual predominante foi a bissexual, como pode ser observado na tabela a seguir:

Variáveis	n (%)
Tempo na graduação (em semestres)	
5	38,1
7	33,3
Raça/Cor	
Branca	66,7
Identidade de gênero	
Mulher cisgênero	52,4
Orientação sexual	

Bissexual	47,6
-----------	------

A divulgação da pesquisa e o aceite de respostas ao formulário realizou-se até que houvesse saturação da amostra, isto é, no momento que as falas dos entrevistados não gerassem novas informações para o contexto de análise feita pelo software.

Dado o fim do período de coleta de dados, as respostas foram compiladas em um único documento onde foram padronizadas expressões com o mesmo significado e este foi inserido no software *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ®). Ao fazer a análise textual por meio dos métodos de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e Estatística Textual Clássica, foi obtido o seguinte dendograma:



**Imagem 1:** dendograma

O corpus textual contém 11 entrevistas, separados em 956 ST, com 31135 ocorrências (palavras, formas ou verbetes), o *hapax* do compilado, ou seja, palavras que tiveram apenas uma ocorrência nos textos foi de 1593. Como verificado pelo dendograma, foram identificadas quatro classes, a saber: 1) Redes de apoio contra o preconceito, 2) Tipos de preconceito contra LGBT+, 3) Os espaços universitários e 4) Vida cotidiana e o enfrentamento do preconceito.

### **Redes de apoio contra o preconceito**

Esta classe é constituída pelos verbetes “tio” ( $x^2= 73,63$ ), “próximo” ( $x^2 =66,35$ ), “conhecer” ( $x^2= 63,07$ ), “irmão” ( $x^2= 61,6$ ) e “primo” ( $x^2= 61,6$ ). Conforme será explicitado

por meio dos fragmentos de fala, é aceitável identificar a percepção dos alunos sobre o apoio dos familiares no momento de assumir a orientação sexual para seu ciclo doméstico, porém em algumas entrevistas, foi possível ver que, em alguns casos, houve certa resistência por parte da família. Além dessa rede de apoio, os entrevistados afirmaram que construíram um grupo de amizades dentro da universidade e que o apoio destes os auxilia a enfrentar as situações de preconceito.

Depois contei para a minha tia, minha tia é tranquila, me acolheu muito (Entr3)

E até quando eu me assumi pro meu tio foi uma coisa conflituosa (Entr8)

Às vezes brinco, como eu disse, meu melhor amigo ... ele é uma pessoa transsexual, também tem um outro amigo bem próximo que é homossexual (Entr5)

Eu conheci eles (amigos) naturalmente durante o curso e fomos conversando e a amizade acontecendo (Entr10)

Porque, pra mim, o que importava era saber ali, o meu ciclo familiar, entre meus pais, minha irmã (Entr3)

Eu tenho um primo que faz mais de dez anos que ele mora com o marido dele (Entr9)

### **O preconceito contra pessoas LGBTQ+ no contexto universitário**

Pode-se observar que, nessa segunda seção, as palavras que mais se repetem são “LGBTQIA” ( $x^2= 54,54$ ), “acontecer” ( $x^2= 50,87$ ), “presenciar” ( $x^2= 49,35$ ), “homofobia” ( $x^2= 48,77$ ), “transfobia” ( $x^2= 31,02$ ). Um termo que se repetiu com uma frequência menor mas preocupante, foi o de “professores\_universitários” ( $x^2= 15,27$ ). Inferindo das falas, é viável constatar que os participantes da pesquisa presenciaram ou receberam relatos, sobretudo envolvendo os docentes, de casos de preconceito contra as minorias de gênero e sexuais e em alguns casos, chegando ao racismo.

Mas eu já ouvi falar de alguns casos de professores universitários sendo preconceituosos com os alunos, aí entra não só homofobia mas também machismo e afins, até casos de racismo (Entr4)

Eu nunca sofri mas eu já presenciei preconceito no quesito, assim, eu vou falar velado porque não foi na frente da pessoa, mas por exemplo uma pessoa abertamente LGBTQIA (Entr6)

Já sou do meio LGBTQIA então pra mim, é o meu dia-a-dia (Entr2)

[...] Assuntos relativos à diversidade sexual e de gênero, só que é algo que eu não sei se está acontecendo nos demais departamentos fora da enfermagem (Entr1)

A gente fica abismado com alguns relatos, não só dessa parte da homofobia e transfobia mas de como não existe um ambiente democrático, não existe diálogo entre alunos e professores universitários, não existe troca de conhecimento (Entr6)

Eu nunca fui vítima mas já presenciei cenas de preconceito partido de professores universitários no meu curso (Entr3)

### **Os espaços universitários: segurança e/ou preconceito?**

A terceira classe conta com a predominância das seguintes unidades de texto: “lugar” ( $x^2= 79,08$ ); “conviver” ( $x^2= 45,77$ ); “universidade” ( $x^2= 44,59$ ); “dentro” ( $x^2= 37,46$ ); “turma” (25,94). Essa distribuição simboliza uma localização espacial dentro do espaço físico da universidade quanto, por vezes, fora dela, passíveis de segurança e/ou de preconceito ser visto, conforme evidenciado pelos trechos a seguir:

A universidade parece que dá essa possibilidade para as pessoas serem um pouco mais seguras consigo (Entr7)

E eu acho que qualquer lugar permeado por pessoas é um lugar possível de se sofrer alguma agressão (Entr9)

Então eu convivo com bastante gente desse meio, antes da universidade eu não convivia muito mas depois da universidade, quase o meu meio inteiro é estar dentro da diversidade sexual e de gênero (Entr10)

Eu acho que dentro das áreas de exatas porque eu acho que a galera lá é muito mente fechada e eles não estão muito abertos ao diálogo (Entr11)

E pelo menos na minha turma, eu conheço pessoas que eu converso tranquilamente sobre sexualidade (Entr6)

### **Vida cotidiana e o enfrentamento do preconceito**

Por fim, a última classe fala sobre como os entrevistados lidam com a vida cotidiana e as situações que podem ser provocadoras de ataques homofóbicos ou transfóbicos, a ver pelas

falas recortadas dos participantes da entrevista. Os verbetes mais usados são “chamar” ( $x^2=32,12$ ), “viver” ( $x^2=26,69$ ), “usar” ( $x^2=55,5$ ), “começar” ( $x^2=37,85$ ), “vestir” ( $x^2=36,34$ ).

Relatos de amigos próximos meus... me falarem “cara, eu não sei porque mas o professor... já é a terceira vez que ele me chama o meu nome errado, que ele chama o meu nome morto na sala” (Entr2)

[...] mas eu acho que, com o passar do tempo, achei até mesmo um preconceito de algo que eu nunca tinha vivido antes (Entr5)

Ela se veste do jeito que ela está e tal, dos pronomes que ela usa (Entr2).

## DISCUSSÃO

A ida para a universidade é considerada pela sociedade como um rito de passagem para a vida adulta, sendo assim, um momento que deve ser vivido em sua plenitude e por isso, o agora jovem adulto atinge uma consciência acerca do que pretende ser e fazer. Todavia, um espaço cuja definição é um conjunto de diferentes escolas e faculdades, é até contraditório dizer que o preconceito contra minorias sexuais e de gênero ainda alcance um local tão plural quanto este.

Haja vista as transcrições das entrevistas, pode-se observar que, entre os participantes, poucos foram os que encontraram resistência entre o círculo familiar ao assumir sua identidade, indo de encontro ao que diz no artigo de Guerrero, Pasichaná e Montero (2019), os quais apresentam mais situações de violência.

Contudo, verifica-se um padrão preocupante: os professores universitários estão, de acordo com os discentes, como os maiores propagadores de violência. Uma experiência positiva utilizada na Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL) - com a articulação do coletivo LGBTQ+ da instituição - foi a promoção de oficinas e seminários com os setores administrativos da universidade para o esclarecimento de eventuais dúvidas quanto ao uso do nome social (SANTOS JÚNIOR; SILVA; LIMA; BEZERRA, 2019). Essa estratégia pode ser utilizada, no caso estudado, para diminuir o constrangimento dos estudantes que têm direito ao nome social, porém, este não é respeitado, sobretudo por alguns docentes.

Como referenciado anteriormente, a própria ideia de um coletivo LGBTQ+ mais organizado seria um ponto de partida interessante para a discussão de temas que são caros à comunidade acadêmica fora da “matriz heterossexual”, uma vez que esta apenas qualifica os seres humanos como “reprodutores sexuais compulsórios” e por consequência, a conformidade entre gênero e genitália é essencial para manter a matriz sólida e blindada de críticas radicais

(BUTLER, J. P., 2023). Dessa forma, o vínculo entre os setores das universidades capazes de promoverem uma mudança na cultura, principalmente para humanizar a comunidade acadêmica (GUERRERO, C. Z.; PASICHANÁ, P. H.; MONTERO, A. G., 2019).

Moretti-Pires, Vieira e Finkler (2022) avaliaram em seu estudo que os entrevistados tinham a expectativa de que a universidade seria um ambiente menos conservador, no entanto, o discurso reacionário ainda é presente tanto nos colegas discentes quanto no corpo docente. No presente estudo feito na Universidade Federal de São Carlos, observa-se o mesmo padrão, apesar dos alunos comunicarem que o espaço universitário também dá a eles liberdade para se expressarem de forma mais livre.

Quanto a posição dos docentes, por vezes retrógrada, pode ser explicada pelos escritos de Louro (2016), que pautam sobre o grande desafio de educadores(as) e escolas assumirem posições de gênero e sexuais para além de uma concepção binária, sendo que, muitas vezes, essas pessoas são desafiadas a adotarem "novas" práticas e abordagens a partir do contato com o "novo".

Dado esse trecho, é plausível inferir que os docentes, sobretudo os mais tradicionais, localizam-se nesse processo de aceitação de novas identidades. Não obstante, ter uma posição de reconhecimento dessas individualidades deixou de ser um mero direito garantido por lei, no caso dos nomes retificados e nome social, mas sim, um discurso político e até religioso, atravança à garantia dessas prerrogativas, tanto em um espaço micro (universidade) como no macro (políticas públicas) e quem não quer ser visto como partidário de determinado grupo, propositalmente desrespeita, ignora e acima de tudo, comete um crime (GOMES, E., 2022; SOUSA JÚNIOR, C. A. A. DE.; MENDES, D. C., 2021). Em sua tese de mestrado, José Francisco, por meio de dados adquiridos e pela própria dificuldade em obter os mesmos, por questionários realizados junto aos docentes do ensino superior demonstra que estes, sendo pessoas com identidade de gênero masculina tendem a ser mais preconceituosas com LGBT+, fato esse também percebido entre os alunos interpelados (SOUZA, J. F. S, 2024).

Guacira Louro escreve que, minorias não são assim chamadas por conta de alguma desvantagem numérica, mas sim, por uma maioria que, ao se politizar, passam a ter orgulho da sua identidade. Se por um lado, esse movimento é positivo por conta da luz que joga ao tema, outras esferas da sociedade recrudescem seus movimentos de apoio ao tradicional e com isso, toda a sorte de violências podem ser identificadas (LOURO, G. L., 2016).

Com esse triste cenário em mente, observa-se que as pessoas pertencentes a minorias sexuais e de gênero utilizam-se de métodos para evitar preconceito, por exemplo, usar roupas mais condizentes com o sexo designado ao nascimento; conter-se quando o nome de registro é

chamado, em detrimento do nome social. Embora não tenham a gravidade que uma agressão física possui, esses fatos acumulam-se em microviolências diárias, que afetam grandemente a saúde mental dos envolvidos, com a prevalência de quase 25% nos casos depressivos na comunidade LGBTQ+ (TORRES, J. L. *et al.*, 2021).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste projeto, averiguou-se a percepção de estudantes universitários sobre o preconceito contra minorias sexuais e de gênero e os resultados mostraram que, embora o ambiente universitário ofereça a oportunidade de expressão mais livre da identidade, ainda existe espaço para a propagação de discursos preconceituosos, sobretudo na direção docente-discente. Cabe à comunidade acadêmica como um todo o enfrentamento dessa situação para que o espaço plural da universidade seja, de fato, um pólo transformador da sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIER, R. Pesquisa-ação na instituição educativa. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. BARDIN, I. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

BORDIANO, G.; LIBERAL, S. P.; LOVISI, G. M.; ABELHA, L. COVID-19, vulnerabilidade social e saúde mental das populações LGBTQIA+. *Cad. Saúde Pública*, v. 37, n. 3, p. e00287220, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00287220>. Acesso em 07 out. 2024.

BUTLER, J. P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 25 ed., 2023. ISBN: 978-85-200-0611-5

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm.* 2006, 15(4):679-684. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>

CARMO, G. M.; BASSOLI, F.; BASTOS, F.; FERRARI, A. “Nenhum professor, em nenhuma matéria, nunca falou sobre educação sexual...”: gênero, sexualidade e educação na residência docente. *Ensino & Pesquisa*, v. 19, n. 2, p. 113-129, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2021.19.2.113-129>. Acesso em 07 out. 2024.

CERQUEIRA-SANTOS, E.; AZEVEDO, H. V. P.; RAMOS, M. de M. Preconceito e Saúde Mental: Estresse de Minoria em Jovens Universitários. *Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo*, v. 12, n. 2, p. 7-21, 2020. ISSN 2175-5027. Doi: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i2.3523>

COSTA, A. B., PERONI, R. O.; de CAMARGO, E. S.; PASLEY, A.; NARDI, H. C. Prejudice toward gender and sexual diversity in a Brazilian Public University: prevalence,

awareness, and the effects of education. *Sexuality Research and Social Policy*. 2015;12(4):261-272. Doi: <https://doi.org/10.1007/s13178-015-0191-z>

FONTANELLA, B. J. B.; LUCHESI, B. M.; SAIDEL, M. G. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R.; MELO, D. G. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cad. Saúde Pública*. 2011;27(2):389-394. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000200020>

GOMES, E. Chamar uma pessoa trans pelo pronome errado é crime? Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/chamar-uma-pessoa-trans-pelo-pronome-errado-e-crime/1585789978>>. Acesso em: 3 out. 2024.

GOODMAN, L. A. Snowball sampling. *The annals of mathematical statistics*, v. 32, n. 1, p. 148-170, 1961.

L'ABBATE, S. Análise institucional e intervenção: breve referência à gênese social e histórica de uma articulação e sua aplicação na saúde coletiva. *Mnemosine*. [Internet] v. 8, ed. 1, p. 194-219, 2012. Disponível em <https://www.publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41580>. Acesso em 03 out. 2024.

L'ABBATE, S. Introdução. Análise institucional e saúde coletiva: uma articulação em processo. In: L'ABBATE, S.; MOURÃO, L. C.; PEZZATO, L. M. (Orgs.), *Análise Institucional & Saúde Coletiva* (pp. 31-88). São Paulo: Hucitec, 2013.

LIMA, M. E. O.; VALA, J.. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 9, n. Estud. psicol., 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>

LAPASSADE, G.; LOURAU, R. *Chaves da Sociologia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

LOURAU, R. *A análise institucional*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2 ed., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. ISBN: 978-85-7526-116-3.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORETTI-PIRES, R. O.; VIEIRA, M.; FINKLER, M.. Violência simbólica na experiência de estudantes universitários LGBT. *Saúde e Sociedade*, v. 31, n. 4, p. e200662pt, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/PYLN3tMZ5Yk3SYGdx59NmQL/>. Acesso em 2 out. 2024.

NARANG, P. *et al.* Suicide Among Transgender and Gender-Nonconforming People. *Prim Care Companion CNS Disord*, n. 20, v. 3, p. 18nr02273, 2018. Doi: <https://doi.org/10.4088/PCC.18nr02273>

NARDI, H. C.; MACHADO, P. S.; MACHADO, F. V.; ZENEVICH, L. O “armário” da universidade: o silêncio institucional e a violência, entre a espetacularização e a vivência

cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero. *Revista Teoria & Sociedade*. [Internet], 2013. Disponível em <http://www.teoriaesociedade.fafich.ufmg.br/index.php/rts/article/view/87>. Acesso em 30 set. 2024.

National Alliance on Mental Illness (NAMI). LGBTQ [Internet]. Arlington: NAMI. [Internet] 2016. Disponível em: <https://www.nami.org/Find-Support/LGBTQ>. Acesso em 07 out. 2024.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, J. J.; CERQUEIRA-SANTOS, E.. Prejudice against sexual and gender diversity and beliefs about sex education among university students. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 39, p. e200017, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/6YyPq8f9MT6k8QTTmR4qxJd/?lang=en#>

SANTOS JÚNIOR, C. J. dos; SILVA, J. V. dos S.; LIMA, E. E. H. T. de; BEZERRA, W. C. Coletivo Bee, luta LGBTT e saúde integral: diversidade sexual e de gênero no ambiente universitário. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, [S. l.], v. 13, n. 3, 2019. DOI: 10.29397/reciis.v13i3.1720. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1720>. Acesso em: 1 out. 2024.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s Rev. Eletrônica*. [Internet], v. 17, n. 1, p.1-14, 2015. Disponível em <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ129.pdf>. Acesso em 30 set. 2024.

SOUSA JÚNIOR, C. A. A. DE .; MENDES, D. C.. Políticas públicas para a população LGBT: uma revisão de estudos sobre o tema. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 19, n. spe, p. 642–655, nov. 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cebape/a/sLppG4k73FFG33g9qJZxWzB#>. Acesso em 06 out. 2024.

SOUZA, J. F. S. Estudo sobre o preconceito contra diversidade sexual e de gênero entre docentes de uma universidade pública federal. 2024. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/20390>. Acesso em 3 out. 2024.

TOMICIC, A; BERARDI, F. Between past and present: the sociopsychological constructs of colonialism, coloniality and postcolonialism. *Integr Psychol Behav Sci*. 2018;52(1):152-175. Doi: <https://doi.org/10.1007/s12124-017-9407-5>.

TORRES, J. L. *et al.* The Brazilian LGBT+ Health Survey: methodology and descriptive results. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 9, p. e00069521, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csp/a/wJQNMDdWdz5BjwY3G376b4R/#>. Acesso em 07 out. 2024.

UFSCAR. [Internet]. 2023 Disponível em: <https://www.spdi.ufscar.br/informacao-institucional/indicadores-1/ufscar-em-numeros>. Acesso em 07 out. 2024.

VIEIRA, M. “Quero Poder Existir”: Contornos Da Violência Simbólica Contra Orientações Sexuais Não-Binárias Entre Universitários LGBT Da Universidade Federal De Santa Catarina. Dissertação [Internet]. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências

da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Santa Catarina, 2015. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/160738>. Acesso em 07 out. 2024.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*. [Internet], 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em 07 out. 2024.

ZAMBRANO GUERRERO, C.; HERNÁNDEZ PASICHANÁ, P.; GUERRERO MONTERO, A. Proceso de reconocimiento de la orientación sexual homosexual en estudiantes de una universidad pública: Recognition process related to homosexual orientation in students of a public university. *Psicogente*, [S. l.], v. 22, n. 41, p. 1–29, 2019. DOI: 10.17081/psico.22.41.3310. Disponível em: <https://revistas.unisimon.edu.co/index.php/psicogente/article/view/3310>. Acesso em: 7 oct. 2024.